

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS. O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”



Emancipação Socialista



(11) 95675-2133

www.emancipacaosocialista.org

Nº 10

15/03 a 14/04 de 2020

R\$ 2,00



**FORA
BOLSONARO
E LEVE SEU GOVERNO**



**MULHERES OCUPAM
RUAS PELO MUNDO**



**DÍVIDA PÚBLICA:
DINHEIRO PÚBLICO
PARA ESPECULADORES**



**UM BALANÇO
DA MAIOR GREVE
PETROLEIRA**



**COVID 19: QUANDO O
CAPITAL MOSTRA QUE
NÃO PROTEGE VIDAS**

DA SÉRIE “PARECE PIADA, MAS É SÉRIO”

“...AS PESSOAS GOSTAM DE MORAR ALI PERTO PORQUE GASTAM MENOS TUBO PARA COLOCAR COCÔ E XIXI E FICAR LIVRE DAQUILO. ESSAS ÁREAS SÃO MUITO PERIGOSAS.”



Frase do prefeito carioca Marcelo Crivella depois que moradores perderam tudo nas enchentes. O prefeito cristão ainda tenta culpar as vítimas pela desgraça ocorrida para tentar livrar a sua barra.

O QUE ROLA PELA LUTA DE CLASSES

Lutas antirracistas

A campanha **21 Dias de Ativismo contra o Racismo** tem acontecido durante o mês de março no Rio de Janeiro desde 2017, culmina no dia 21 com o Dia Internacional contra a Discriminação Racial em referência ao massacre de Shapperville, ocorrido em Joanesburgo sob o regime do Apartheid.

Várias entidades são envolvidas na campanha: universidades, sindicatos, ONGs e escolas públicas de várias regiões da cidade sediam atividades relacionadas, pois a participação de professores militantes é bastante significativa na organização. Esse dado é importante para a valorização da autoestima dos estudantes a partir da construção de uma memória que não seja exclusivamente eurocêntrica.

A edição desse ano teve como contratempo a chuva que caiu sobre a cidade no mês de fevereiro e início de março obrigando ao adiamento para dia 8 de março) da atividade de abertura: “Visita afro-referenciada na Região Central da Pequena África”, local-símbolo da resistência e ancestralidade negras.

A Pequena África engloba a Zona Portuária e os bairros da Saúde, da Gamboa e do Santo Cristo. É lá que ficam situados o Quilombo da Pedra do Sal e a Casa de Tia Ciata, espaço cultural dedicado à memória do Samba. É assim conhecida desde que o comércio de escravos se tornou ilegal no Brasil (1831). É um lugar que desde aqueles tempos deu aos negros um sentimento de pertencimento a uma

comunidade e, por isso, é simbólico para a militância antirracista.

Uma das atividades centrais de 2020 foi a inauguração da Casa Marielle, no dia 1º de março, no Largo de São Francisco da Prainha (Saúde). Esse centro de memória partiu de um financiamento coletivo fomentado pela família da vereadora, assassinada há dois anos, e conta com uma exposição permanente do acervo pessoal e político da militante feminista, negra, LGBTQ+ carioca. E, como ela mesma afirmou em vida: Marielle não será silenciada!

Isso tudo indica a importância e a necessidade da luta antirracista, lembrando que o racismo é estrutural e só será todo eliminado com o fim do capitalismo, sistema que sobrevive também da opressão de alguns grupos sociais por outros.

O Bufão do Bufão

Na Idade Média o bufão tinha um papel subversivo de, brincando, dizer ao rei verdades políticas incomodativas e que apesar da aparente inocência guardavam o poder de balançar um reino inteiro. Hoje, no caso do Brasil, Bolsonaro tem a ânsia de rei e mandar, mas é o próprio bufão da classe dominante.

Há dias atrás contratou o humorista Carioca para responder a uma coletiva de imprensa em seu lugar. Carioca apareceu com a faixa presidencial, ofereceu banana para o público presente, deu às costas para os jornalistas e brincou com a notória grosseria de Bolsonaro quando é indagado sobre um assunto que lhe seja desagradável. “Ninguém tem pergunta”? “Aqui é o presidente de sempre, aproveita”, “Vou explodir o país daqui a pouco” e “vão me chamar de misógino” foram essas algumas das frases que o artista usou para fazer humor. Bolsonaro a tudo assistia, aparentemente

orgulhoso de sua ideia.

A repercussão da brincadeira, de muito mau gosto, foi negativa. Mas o humorista, que é um apoiador da ultradireita, se comparou a Chico Anísio recebido paramentado como Salomé pelo então ditador brasileiro João Figueiredo. É bom ressaltar que não se trata da mesma coisa. A personagem Salomé era um quadro da programação exibido na TV Globo e fazia críticas ao governo. Não havia uma orientação por parte do presidente sugerindo o que Chico Anísio deveria falar ou não. Chico Anísio era um bufão, como são os humoristas que lidam com a política.

Carioca, porém, foi uma tentativa sem sentido que Bolsonaro teve de fugir de sua própria incompetência. Mas, a burguesia brasileira já o tem ferido de morte e os próprios meios de comunicação que o lançaram vivem agora de ridicularizá-lo.

Racismo nutella na Fundação Palmares?

Em novembro de 2019, Bolsonaro nomeou para presidente da Fundação Palmares o jornalista Sérgio Camargo, membro da ala olavista do governo. Camargo começou sua gestão com a extinção de vários órgãos colegiados da Fundação centralizando as decisões. Até aí nada de novo no cenário da ultradireita brasileira. Mas,

segundo antigos funcionários, parece querer destruí-la.

Porém, mesmo no governo acontecem disputas. O jornalista é alvo de polêmicas desde o início, pois havia afirmado em setembro que o Brasil sofria de “racismo Nutella” e que a escravidão havia sido benéfica para os negros.

Obviamente que os ativistas dos

movimentos negros não se sentem representados por esse jornalista e houve duras críticas à sua nomeação. Após a posse da atriz Regina Duarte na Secretaria de Cultura, à qual a Fundação Palmares está subordinada, Camargo voltou a se envolver em declarações polêmicas ao publicar em seu Instagram: “bom dia a todos, exceto a quem chama os apoiadores de Bolsonaro de facção e o negro que não se submete aos seus amigos da esquerda de ‘problema a resolver’”.

A declaração é uma resposta à atriz que, ao assumir, demitiu funcionários olavistas e chamou Sérgio Camargo de ativista. Só isso já bastou para ser considerada “esquerdista”. Eles não se entendem.

Mas, a Esquerda Revolucionária sabe muito bem o que está por trás dos discursos moralistas do atual governo em todas as suas alas. E essa estratégia de dominação da extrema-direita precisa ser vencida.

Não passarão!

O jornal **CONSCIÊNCIA DE CLASSE** é o órgão de imprensa da organização Emancipação Socialista. Os artigos assinados expressam a opinião dos autores. Também estamos abertos a contribuição de texto de ativistas de esquerda mesmo de carácter crítico às nossas posições.

Emancipação Socialista

é uma organização formada por trabalhadores e trabalhadoras. Atuamos na luta de classes com o objetivo de construção do socialismo. Temos como referência o marxismo, as quais não consideramos como um dogma e sim um método vivo

para a análise da realidade e da luta prática revolucionária. Também nos apoiamos nas elaborações de outros marxistas revolucionários que contribuíram para o enriquecimento dessa teoria e da prática militante. Se tiver interesse em conhecer melhor nossas posições envie mensagem para contato@emancipacaosocialista.org

O RESISTIR E O DIA INTERNACIONAL DE LUTA DA MULHER

As mobilizações de mulheres pelo mundo, suas marchas e atos em muitas cidades do Brasil, no último 08 de março, são verdadeiras demonstrações de resistência e de força.

O patriarcado em meio à crise estrutural do capital, às constantes crises econômicas e ao crescente avanço da extrema-direita faz com que as mulheres, em várias partes do globo, a cada dia, sintam de forma mais intensa o aumento da opressão capitalista e busquem variadas formas de sobrevivência e de reação.

Isso tudo também leva parte das mulheres, especialmente a trabalhadora, a participarem e envolverem nas lutas contra os desmandos do sistema opressor, de seus governos e contra a intensificação da exploração (que para as mulheres vai além das perdas de direitos trabalhistas, sociais e democráticos).

E, nesse sentido, o Dia Internacional de Luta da Mulher representa a cada ano, de certa forma, além de seu valor histórico, um levante que questiona de fato o sistema. É um dia de unidade internacional em que as mulheres se unem em luta em vários países do mundo, em muitas escolas, em sindicatos e nas ruas.

Num primeiro momento se unem contra o machismo, a violência imediata e por vida. E a cada ano, em cada marcha, muitas passam a reconhecer sua classe, sua raça, sua própria história e assumem a necessidade da luta política cotidiana

além de reconhecerem a urgente e necessária transformação da injusta realidade.

AS MARCHAS E MANIFESTAÇÕES PELO MUNDO

Essa demonstração de força na luta, expressa no último dia 8, apresentou pautas de movimentos da classe trabalhadora e reivindicações mais gerais de movimentos de mulheres com suas especificidades em cada país.

Até mesmo as redes sociais registraram uma mudança nos assuntos mais comentados nas duas últimas semanas referentes a esse dia: convocavam para protestos em defesa de direitos das mulheres e 40% tratavam da importância da luta por igualdade, de combate ao machismo e à misoginia.

As **ruas da Europa**, diante do surto do Coronavírus, não foram tomadas como no ano passado. Mesmo assim, há registros de manifestações na Sérvia, na Itália, na Espanha.

Na **França**, 60 mil pessoas protestaram incorporando também a luta contra a Reforma da Previdência e a alta de preços. Os principais alvos foram Macron e o cineasta Roman Polanski (recentemente o prêmio César e acusado do estupro de doze mulheres). Além da luta contra os cortes e o desemprego, registraram intensa indignação com o aumento do feminicídio e falta de políticas públicas, o que levou ao início de uma campanha contra o sexismo, um problema político e social por todo o país.

Na **Itália**, mesmo com o Coronavírus, milhares ocuparam as ruas contra os cortes de direitos e o crescente aumento do número de violência contra as mulheres. Mais de 50 praças foram tomadas com foco na denúncia de casos de abusos em Centros de Combate à Violência, a fim de demonstrar a crueldade do machismo e das insuficientes ou falsas políticas públicas anunciadas pelo governo.

Em países como o **Sudão, Iraque e Paquistão** também ocorreram atos. Nesse, cerca de trezentas mulheres levantaram cartazes com dizeres como “Meu corpo, minhas regras” enquanto cerca de dois mil muçulmanos impunham seus cartazes com palavras religiosas “se o corpo é de Alá, a decisão é de Alá”.

No **Chile**, os atos e mobilizações foram aos gritos de “puta, vagabunda mas nunca paca” em alusão às mulheres policiais e “morra Piñera, assim como nossas companheiras!”.

Cerca de três milhões de pessoas ocuparam as ruas do Chile. Pediam a renúncia de Sebastian Piñera e de Isabel Plá (Ministra da Mulher), que declarou desconhecer abusos sexuais cometidos pela polícia e que assume bem sua classe social ao desconsiderar a situação de miséria e de violência de boa parte das mulheres trabalhadoras.

No **Brasil**, destacamos as mobilizações ocorridas em Brasília, no Rio de Janeiro e em São Paulo com força nas capitais e em cidades como Niterói e as do ABC Paulista.

Além de reivindicações em defesa da vida contra a violência doméstica, o feminicídio, pela descriminalização do aborto e etc. as marchas pautaram homenagens à Marielle Franco, Dandara e mulheres indígenas.

E não pouparam o governo de Bolsonaro e a sua própria imagem como presidente. O “Fora Bolsonaro” ecoou em vários cantos e carregou faixas e cartazes. A ministra Damares, que também demonstra bem sua classe social, não deixou de ouvir: “Fora Bolsonaro e leve a Damares junto!”, o que expressa a não aceitação de uma mulher burguesa entre nós apenas por ser mulher.

Uma mulher, com máscara cirúrgica, em que se lia BOZO VÍRUS, foi fotografada e essa imagem ainda circula pelas redes sociais celebrando o intenso mal provocado por esse governo.



UM DESTAQUE PARA A AMÉRICA LATINA

A América Latina tem adotado o 8M como importante dia na luta contra a violência machista. E em países como Argentina, Brasil, Chile e México onde as condições de vida da mulher têm piorado e têm até governo de extrema-direita, como Bolsonaro, o nível de enfrentamento tem avançado e assumido diversas formas.

Em novembro de 2019, o Coletivo Feminista Lastesis, chileno, apresentou a performance O VIOLADOR ES TU que correu o mundo. No Rio de Janeiro foi apresentada na Praça Mauá. As mulheres listaram vários opressores (os juizes, as igrejas, o Estado, o presidente) e receberam uma bela participação do público que respondeu com um sonoro ELE NÃO contra o governo opressor de Bolsonaro.

E ao final, a performance e sua música se apropriaram da denúncia do assassinato de Marielle: “Marielle está presente, semente. O assassino dela é amigo do presidente”.

Com tudo isso, é fundamental esse dia que une as mulheres em luta em vários cantos e de diversas formas contra todo tipo de opressão e pela vida. Uma data considerada controversa, iniciada e marcada com a luta de mulheres operárias, que já possui até pauta unificada e que necessita urgentemente seguir o caminho da transformação radical e cotidiana dessa realidade opressora e desigual.



O PAGAMENTO DA DÍVIDA PÚBLICA É A CAUSA DE MUITOS DOS PROBLEMAS SOCIAIS

A Dívida Pública é um dos grandes problemas econômicos e é também a causa de vários problemas sociais enfrentados pela classe trabalhadora no Brasil.

Todos os anos quase a metade do Orçamento Público Federal (deveria ser um instrumento para planejar e garantir a arrecadação dos impostos, taxas, etc. e sua essencial utilização em serviços públicos adequados) é destinada para pagamento dessa dívida.

No entanto, em 2019 essa dívida consumiu mais de 1/3 de todo o valor arrecadado no país, um total de R\$ 1 trilhão e 80 bilhões.

Outra questão, a Dívida Pública é a principal forma de transferência do dinheiro público para iniciativa privada. E quando perdemos têm quem ganha: banqueiros, agiotas, empresários e especuladores. Além de outros mecanismos como recompensar o dinheiro que os bancos não conseguem emprestar, vender dólar alta com garantia de recompra pelo mesmo preço ainda que o preço do dólar (swap), etc.

Enquanto os banqueiros receberam mais de R\$ 1 trilhão no ano (R\$ 2,9 bilhões por dia) o Orçamento da Saúde foi de 114 bilhões (pouco mais de 4%) e o da Educação foi de menos de R\$ 100 bilhões. Ou seja, são privilegiados com o dinheiro público ao invés de ser a população com mais serviços públicos.

Portanto, pagar essa Dívida significa ter menos dinheiro público para serviços públicos como Saúde, Assistência Social, Educação, Bolsa Família, dentre outros.

QUAL O TAMANHO DA DÍVIDA PÚBLICA?

Segundo a Auditoria Cidadã da Dívida, a dívida pública interna brasileira (credores recebem em real e estão no Brasil) é de R\$ 5,9 trilhões.

Já a dívida externa

(credores são estrangeiros e recebem em dólar e dívidas de empresas privadas que o governo é avalista) é de US\$ 574 bilhões (mais de R\$ 2,5 trilhões).

Juntas, as duas dívidas é de R\$ 8,4 trilhões, ou seja, significa que a dívida é maior que o PIB brasileiro de R\$ 7,3 trilhões (IBGE).

QUANTO MAIS PAGA, MAIS AUMENTA O VALOR

A Dívida Pública é a verdadeira “galinha dos ovos de ouro” para banqueiros e especuladores. Além do pagamento de muito dinheiro, os juros não deixam o valor total da dívida diminuir e somente aumenta. E não se trata de milagre, é pilantragem mesmo.

Pelo gráfico abaixo, podemos observar que nos últimos 6 anos, o Brasil pagou mais de R\$ 6,2 trilhões e mesmo assim a dívida saltou de R\$ 5,7 trilhões em 2015 para os atuais R\$ 8,4 trilhões.

POR QUE NÃO PAGAR A DÍVIDA PÚBLICA!

Podemos afirmar que os governos (Bolsonaro e todos os anteriores) não têm dúvidas entre melhorar atendimento em UPAS e abrir mais escolas ou repassar a maior parte do dinheiro arrecadado para banqueiros com o pagamento dessa dívida. E esse pagamento significa condenar o povo a continuar vivendo com atendimentos precários enquanto os bancos seguem lucrando mais. Priorizar os serviços públicos é uma importante razão para não

pagar essa dívida;

— Essa Dívida Pública já foi paga várias e várias vezes. Como mostramos, mesmo pagando trilhões e mais trilhões de reais, a dívida só aumenta e não tem nenhum benefício para o povo. Mesmo que fosse legítima, já foi paga muitas vezes.

— No Brasil já teve a CPI da Dívida Pública e as investigações mostraram várias irregularidades como contratos fraudulentos, cláusulas ilegais, juros sobre juros, pagamentos duplicados, etc.

— Foram detectadas muitas ilegalidades e irregularidades, mas por manobras do governo Lula, o relatório aprovado descartou a investigação completa;

— E, em 2016, o governo Dilma vetou a Lei aprovada no Congresso Nacional para fazer a auditoria no sistema da Dívida Pública;

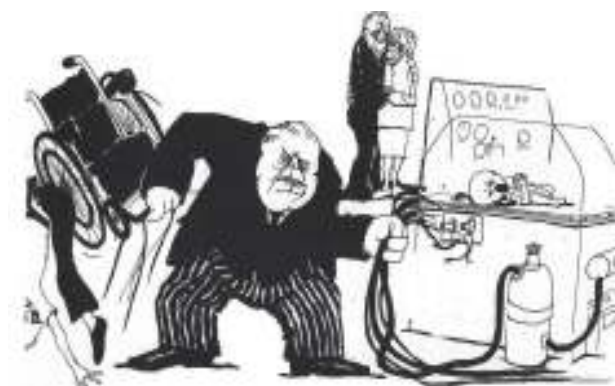
— Com o governo Bolsonaro a tendência é facilitar ainda mais essa transferência de valores e diminuir ainda mais os serviços públicos para liberar mais dinheiro público para as empresas privadas.

NÃO PAGAR A DÍVIDA PÚBLICA (INTERNA E EXTERNA)

Só capitalistas defendem a lógica de atender uma minoria de milionários enquanto milhões de pessoas ficam sem hospitais, sem escolas, sem moradias, etc.

Não pagar a Dívida Pública é inverter isso e garantir as necessidades básicas de sobrevivência da população trabalhadora, investindo nos serviços públicos, nas áreas sociais, no combate ao desemprego, nos programas para a juventude, etc.!

Parar de pagar essa Dívida é necessário e urgente já que o aprofundamento da crise é — por banqueiros, empresários e o governo — jogado com todo o seu custo sobre as costas da classe trabalhadora de conjunto.



E SE NÃO PAGASSE A DÍVIDA PÚBLICA?

EDUCAÇÃO

Dobrar o Orçamento (R\$ 200 bilhões) do Ministério da Educação para possibilitar a construção de novas universidades e modernas escolas públicas e gratuitas, erradicação do analfabetismo, etc.

- Suprir a necessidade de creches no Brasil, 70% das crianças estão fora de creches. E uma creche para 150 crianças pode ser construída por 2,6 milhões (FDE/SP).

SAÚDE

Dobrar também o Orçamento do Ministério da Saúde (R\$ 272 bilhões) para ampliar a rede hospitalar, preparar para o combate às epidemias, garantir a imunização da população, programas preventivos, etc.

MORADIA

Eliminar, em poucos anos, o déficit habitacional no Brasil de 7,7 milhões de unidades. Na cidade de São Paulo o valor médio da construção de uma moradia popular (COHAB) é de 142 mil. Em outros estados o valor é muito menor. Além de contribuir para a geração de empregos.

COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E POPULAÇÃO LGBT

Os programas de combate à violência contra a mulher e a população LGBT nunca tiveram investimento suficiente por parte dos governos e nos últimos anos a situação está ainda pior.

Enquanto o feminicídio cresce o Orçamento da Secretaria da Mulher (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos) só cai. Em 2019 foram gastos apenas R\$ 5,3 milhões enquanto muito deixou de ser feito.

E pode-se dizer que não há política pública de combate à violência contra a população LGBTI, ou de inserção no mercado de trabalho ou de acesso ao ensino superior.

São programas que necessitam urgentemente de verbas públicas suficientes para o combate de vários tipos de violência contra a mulher e a população LGBT enquanto o dinheiro público segue destinado para o pagamento da Dívida.

COMPARANDO OS GASTOS (R\$)

ANO	DÍVIDA	SAÚDE	EDUCAÇÃO
2014	1,040 TRI	84,7 BI	74,6 BI
2015	962 BI	83,9 BI	88,6 BI
2016	1,130 TRI	100 BI	95 BI
2017	985 BI	103 BI	101 BI
2018	1,065 TRI	107 BI	95 BI
2019	1,080 TRI	114 BI	94 BI
TOTAL	6,26 TRI	592,6 BI	548,2 BI

Fonte: dados do site auditoria cidadã da dívida

CONSTRUIR UM MOVIMENTO PELA BASE FORA BOLSONARO E SEU GOVERNO



Bolsonaro ser de extrema-direita não há dúvida. No entanto, ainda não conseguiu impor agendas deliberadamente “fascista” (ilegalidade de partidos de esquerda, proibição de sindicatos, etc.) e nem “bonapartista” (com superpoderes e acima do Legislativo e do Judiciário).

Mas, nas últimas semanas, fez alguns movimentos para se fortalecer e se colocar acima do STF e do Congresso Nacional. como:

- Foi formado no governo um núcleo mais duro e mais alinhado com a extrema-direita do país e houve a troca de alguns ministros para garantir suas posições mais reacionárias como a entrada do General Souza Neto (liderança das Forças Armadas na última ocupação do Rio de Janeiro);

- Manteve Moro no ministério para servir de retaguarda jurídica e de defesa dos milicianos, ainda que existam disputas interna;

- Foi efetivada a criação do partido “Aliança pelo Brasil” para organizar e aglutinar a extrema-direita no país, totalmente controlado por Bolsonaro;

- Apoiou a greve de policiais no Ceará que representa uma tentativa de aglutinar em torno do governo vários aparatos repressivos e fundamentais para reprimir os movimentos sociais e de controle das prováveis rebeliões populares.

AMPLIANDO A BASE DE APOIO

Essas movimentações são parte de uma mudança qualitativa que envolve a construção de um “movimento de base” tanto para apoio e sustentação quanto para o fortalecimento do “bolsonarismo” no enfrentamento do Congresso Nacional e do STF.

Os atos do dia 15 de março, ainda que pequenos, é parte desse movimento para massificar as bandeiras políticas da extrema-direita e que conta com apoio

e financiamento de alguns setores do empresariado como “Brasil M 200” (Havan, Polishop, Riachuelo, etc.), restaurantes Madero, etc. Soma-se a aproximação de setores do empresariado industrial (pela FIESP) a Bolsonaro.

O objetivo do governo é dar maior coesão e organicidade às políticas da extrema-direita, com uma atuação na “base da sociedade”, para não ficar dependendo de deputados e senadores. Esse movimento deve construir a resistência a um eventual impeachment, espaços de atuação para disputa de novas eleições e para o pós-governo.

Esse movimento já tem incorporado também alguns setores, minoritários, das forças de repressão (policiais/militares das Forças Armadas) e grupos de direita e extrema-direita.

NEM GOLPE E NEM DITADURA

Muitos setores vistos como de esquerda apontam que estamos caminhando para uma ditadura militar como foi de 1964 a 1985. Golpes e ditaduras trazem muitas contradições para a classe dominante. E, por isso, são usadas somente excepcionalmente quando “os meios democráticos de dominação” não funcionam mais.

Entendemos não ser esse o caminho escolhido nesse momento pela burguesia nacional, pois não depende só de Bolsonaro e seu governo, mas de uma combinação de fatores:

- Falta unidade nas Forças Armadas para uma ação desse porte e os militares são fundamentais para os golpes. Houve essa unidade para o Estado Novo e para o Golpe de 1964. A parte dos militares que defende essa radicalização hoje, pelo menos abertamente, é a que está próxima do círculo presidencial;

- A alta burguesia, sobretudo o setor financeiro e o agronegócio, não necessita defender essa saída ainda. Esse apoio seria fundamental e essa unidade não irá se impor por golpes;

- Há alguma resistência da cúpula do Judiciário a esses movimentos da extrema-direita;

- O governo não possui uma

base parlamentar com força política hegemônica;

- Não é essa a política de potências imperialistas (França, Alemanha, etc.), o que dificulta apoio internacional num cenário de dependência do mercado mundial e de pouco risco.

É A DEMOCRACIA BURGUESA MESMO...

Outra questão importante nesse debate é o significado da democracia parlamentar burguesa no Brasil. Para alguns setores, mesmo vistos de esquerda, é possível aperfeiçoar a democracia e “governos progressistas” facilitam esse aperfeiçoamento.

Somos radicalmente contra essa ideia. Nenhuma sociedade dividida em classes sociais pode ser democrática de fato. Mesmo com algumas garantias democráticas, o que há é uma ditadura da burguesia contra a classe trabalhadora principalmente nos países periféricos, onde a violência para a exploração é ainda maior.

No Brasil isso é ainda mais real, pois sobressai os aspectos mais autoritários: o fortalecimento do aparato repressivo, a política de encarceramento em massa como forma de criminalizar a pobreza e tem uma legislação contra movimentos sociais e as ações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO).

Portanto, tem-se uma política de Estado, independente do governo de plantão. Nos governos Lula deu-se um salto no encarceramento em massa. No governo Dilma sustentou-se a GLO. No governo Bolsonaro há o desmedido ataque à liberdade de organização e às liberdades democráticas.

Essa é a democracia burguesa em que há liberdade para os ricos explorarem e oprimirem a classe trabalhadora.

ORGANIZAR UM MOVIMENTO DE BASE PELO FORA BOLSONARO E SEU GOVERNO!

Bolsonaro e a extrema-direita querem derrotar a classe trabalhadora para aumentar a exploração e continuar



retirando nossos direitos. Também está na mira os direitos democráticos como a liberdade de organização sindical e o de manifestação. E para isso apelam ainda mais às forças policiais.

Derrotar o governo Bolsonaro e a extrema-direita são as principais tarefas colocadas para os movimentos de oposição e movimentos sociais. Uma derrota desse governo levaria a um enfraquecimento do projeto mais geral do capital. E há uma possibilidade real de derrotá-lo, pois além de não recuperar sua popularidade há fortes divergências com a maioria do parlamento e do STF.

Mas, a luta não pode ser apenas por derrubar Bolsonaro e Mourão (reacionário mais “lúcido”) e assumir a validade de “mudar as coisas para continuar tudo igual”. Defendemos a luta contra todo o governo, incluindo até ministros e ministras.

Essa luta necessita ser a partir “de baixo”, ou seja, da classe que sente as consequências destruidoras da política econômica e é reprimida todos os dias, que arca com o desempregado ou com o trabalho precarizado ou informal. Essa luta somente pode ser construída e ter como liderança a classe trabalhadora.

- Mobilizar o conjunto da classe trabalhadora pelo Fora Bolsonaro e seu governo!

- Pelo direito às liberdades democráticas! Pela livre organização política-sindical-cultural da classe trabalhadora!

- Nenhuma confiança nos governos da burguesia, nem parlamento burguês e nem no Judiciário. Todos são parte do sistema do capital!

E o PT e Lula?

Lula e o petismo defendem a estabilidade do regime democrático burguês e não vão organizar campanhas pelo Fora Bolsonaro. Lula não se cansa de repetir isso. No máximo vão desgastar Bolsonaro e outros concorrentes como Dória e Witzel, pois ambos (e outros) pretendem se fortalecer para 2022.

Sabem que uma mobilização contra Bolsonaro pode colocar em xeque esse regime. Enquanto apostam nesse desgaste e negociam medidas contra nossos direitos como foi feito com as Reformas aplicadas em vários estados governados pelo PT.

Não há negociação com Bolsonaro. Não podemos esperar no PT nem em Lula ou em centrais pelegas, não vão fazer essa luta. Precisamos derrotar esse governo nas ruas!

PETROLEIROS ENFRENTARAM EMPRESA, TST E DIREÇÃO CUTISTA

As medidas ilegais adotadas pela Petrobrás – estendendo a jornada de trabalho sem pagar horas extras (manipulação do interstício), relógio-de-ponto longe da portaria (tempo na empresa não é pago), implantação do banco-de-horas, alteração unilateral da tabela de escalas de turno de trabalho – e a política de Bolsonaro e Guedes (desmonte da empresa com a venda de ativos e de refinarias, adoção de Preço de Paridade de Importação (PPI), ataque ao Fundo de Pensão Petros colocando em risco a aposentadoria da categoria, etc.) juntamente com as perdas de direitos na campanha salarial criaram um clima de descontentamento generalizado entre Petroleiros/as.

Com isso, a demissão de 1000 trabalhadores da Fábrica de Fertilizantes do Paraná (que é Petrobrás) foi o estopim da greve. Além do cancelamento das demissões, a categoria incluiu na pauta reivindicações como a mudança da tabela de turno, o cumprimento do Acordo Coletivo (que previa várias negociações com os sindicatos), a retomada da marcação de ponto apenas quando o trabalhador chegar na portaria e o fim da criação de “novos” horários pós-interstício.

A greve foi aprovada na maioria das bases petroleiras de todo o país e rapidamente se espalhou. Nos dois primeiros dias já haviam 6 mil grevistas e logo chegou a 21mil Petroleiros/as grevistas, sendo a maioria esmagadora de nível técnico e da produção.

FUP FOCA NA NEGOCIAÇÃO E FNP É COADJUVANTE

O plano da Federação Única dos Petroleiros (FUP, ligada à CUT) foi o de greve legalista para facilitar a negociação com a empresa. Parte da diretoria ocupou uma sala no prédio-sede da Petrobrás no RJ com a exigência de negociação. Enquanto isso, nos locais de trabalho, a greve seguia muito forte e com adesão voluntária (sem piquetes forçados).

Mas, por orientação da FUP, não era para parar e nem impactar a produção. Os grevistas deveriam ficar em seus postos trabalhando até serem rendidos por grupos de contingência, o que garantiria a produção normal.

Foi novamente a FUP acreditando e fazendo acreditar em conto de fadas: não afetar a produção e os lucros, manter a greve “legal” para a empresa sentar para negociar, ninguém se ferir e todos no final ficarão felizes para sempre.

Como era de se esperar, a Petrobrás não negociou e ainda pressionou com seus métodos de persuasão para fazer de reféns uma parte dos trabalhadores e fazer outra parte se vender por prêmios financeiros e furar a greve. Nem o contingente que produz a empresa aceitou negociar como deveria ser em uma greve legal, em que o sindicato solicitaria contrapartida na produção.

A Federação Nacional dos Petroleiros (FNP) assume um papel secundário na greve. Não conseguiu aprovar o movimento em todas as bases e, assim, se limitou a seguir a linha da FUP. Obviamente sua adesão fortaleceu a greve com trabalhadores/as do Litoral Paulista e Rio de Janeiro, além da adesão de unidades importantes como as plataformas do Pré-sal. Mas a FNP foi apenas auxiliar na tática definida pela FUP.

A TÁTICA DO INIMIGO

No início da greve, a Petrobrás forçou o as ações jurídicas e conseguiu apoio no Judiciário que aplicou multas milionárias aos sindicatos e exigiu o funcionamento da empresa com 90% de trabalhadores (algo que não acontece nem em dias normais!).

No dia 17/02, a empresa pressionou e Ives Gandra (com o apoio do STF), apoiando a empresa, decretou a greve ilegal. A decisão também autorizou a Petrobrás a tomar medidas contra os grevistas e contratar trabalhadores temporários para os substituir. Junto com isso, os gerentes de cada unidade ameaçavam e pressionavam os trabalhadores com telegramas e ligações.

Outra tática da empresa em conjunto com o governo e a burguesia foi o boicote da grande mídia não noticiando a greve e quando fazia era para desqualificá-la.

A FUP SENDO FUP

No dia 13/02, a FUP fez um primeiro gol contra: propôs suspender a greve desde que as demissões na FAFEN e

a aplicação da nova tabela de turno fossem suspensas e tivesse negociação para tratar desses e outros temas. Sabemos que depois de suspender uma greve é difícil retomá-la!

A Petrobrás não aceitou a proposta e aumentou o nível de ameaças e truculências com uma série de pressões: suspendeu férias, zerou o contracheque, contratou fura-greves (pagando R\$ 45 mil por 15 dias de trabalho), usou a polícia para intimidar grevistas e o serviço de “inteligência” da patronal para aumentar as provocações (entregava convocações nos piquetes na frente da fábrica, fazia filmagens das assembleias e atividades da greve, etc.).

No dia 18/02, a FUP fez mais um gol contra. Na audiência trabalhista, no Paraná, propôs suspender a greve se a empresa suspendesse as demissões de 400 trabalhadores por 15 dias!

A Juíza, chegou a questionar o porquê de a Petrobrás não aceitar essa proposta, já que depois de 15 dias poderia demitir todos. Com a decisão de suspensão (não cancelamento) das demissões a FUP começou a desmontar a greve.

VEM O REFLUXO

No dia seguinte, quando um sindicato não passa firmeza para os trabalhadores/as e quando as últimas lutas tinham sido mais fracas, o refluxo tornou-se uma tendência.

Nesse dia, a FUP soltou mais um de seus vídeos (o de 2019 que recuava da greve e aceitava a perda de direitos ainda está na memória dos trabalhadores) com a orientação de suspensão da greve e para esperar a mediação que ocorreria no dia 21. Era tudo que a empresa, Bolsonaro/Paulo Guedes e a mídia burguesa queriam.

A desmoralização atingiu todas as bases da categoria e começou o esvaziamento da greve. As assembleias pelo país nos dias 20 e 21 terminaram aprovando a suspensão do movimento. Mesmo com críticas e tentativas de resistência.

Na mediação (TST, FUP e sindicatos) a FUP aceitou as demissões dos trabalhadores-diretos da FAFEN com acréscimos na rescisão, 2 anos de auxílio educacional aos filhos e plano de saúde. As reivindicações sobre a tabela



de turno e sobre as arbitrariedades do RH da empresa ficaram para serem negociadas em outras reuniões (ainda sendo negociado...). Uma metade dos dias parados será descontada e a outra terá reposição. As punições aos grevistas foram canceladas.

CONCLUSÃO

Por um lado, a greve não atingiu os objetivos, portanto, não pode ser considerada vitoriosa. Por outro, os trabalhadores não saíram desmoralizados, pois não houve demissões, foi uma das maiores greves da história da categoria, conseguiu quebrar o bloqueio da mídia e, inclusive, dialogar com parte da população. Por isso a greve também não foi uma derrota.

Também conseguiu dialogar com a população, informando sobre a importância de quebrar a política de preços do petróleo e derivados (variam conforme o dólar e o preço internacional do petróleo) como forma de reduzir os preços dos combustíveis e do gás de cozinha.

Também denunciou a privatização da Petrobrás, que vai piorar essa situação. Parte desse diálogo foi o que ocorreu em muitos locais com a venda do gás de cozinha a R\$ 40, um preço “justo” e mais barato para a população, que ainda dá lucro para a empresa.

No entanto, há ainda questões que precisamos refletir como o fato de fazer greve sem afetar a produção e as direções sindicais não terem construído uma campanha junto a outras categorias para apoio à greve. E as centrais sindicais, com várias outras categorias filiadas, se limitarem a colocar mensagens em sites e fazer discursos de solidariedade. Apesar da FUP começar bem a greve, mais uma vez, recuou no momento decisivo da luta.

Fica a lição da necessidade de construir uma direção que organize de fato as lutas e de forma consequente para fortalecer a categoria e as lutas da classe trabalhadora de conjunto.

O CORONAVÍRUS E A FALTA DE INVESTIMENTO EM SAÚDE PÚBLICA

O COVID-19, atual mutação do Coronavírus, surgiu em 2019, na China, mais precisamente na cidade de Wuhan (possui 11 milhões de habitantes), a mais populosa do país. E rapidamente se espalhou.

O surto tomou proporções muito maiores do que se esperava e isso levou o governo chinês a decretar a maior quarentena da história, isolamento de mais de 40 milhões de pessoas.

Nesse momento, as previsões sobre a propagação do Coronavírus são as piores possíveis. Enquanto escrevemos esse artigo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já tratava o caso como uma pandemia, ou seja, como uma enfermidade que se espalha por vários países. Com registros já no Japão, Coreia do Sul, outros países asiáticos, Itália, Estados Unidos e Oriente Médio.

As consequências, pelo menos por enquanto, são imprevisíveis.

O CORONAVÍRUS É NATURAL, AS CONSEQUÊNCIAS NÃO SÃO

A origem da atual pandemia foi na China, com o vírus transmitido para humanos a partir de animais silvestres vendidos em um mercado de Wuhan. E quanto mais avançava a doença mais escancarava a incapacidade do capitalismo em lidar com epidemias. A consequência imediata disso é a humanidade ter que lidar com os riscos e com a falta de soluções para o problema (seja por falta de investimento público na Saúde ou porque muitas vezes nem existe um sistema de Saúde público, como é nos Estados Unidos).

As origens de vírus e de surtos (HN1, etc.) que causam tantos danos e mortes estão associadas ao modo como o capitalismo funciona, a produção é direcionada e tudo na nossa vida vira mercadoria (até o ser humano ter sido transformado em coisa).

Com isso o lucro é o mais importante para tudo, sem considerar as consequências disso. Podemos citar vários exemplos: destruição da natureza, a organização das cidades, transporte público precário que facilita contaminações, a fome, falta de saneamento básico, alterações genéticas nos alimentos consumidos por humanos e animais, enfim, há uma lista enorme.

Portanto, a burguesia está interessada em apenas manter seus lucros. As notícias na mídia têm destacado o quanto tem caído os investimentos na Bolsa de Valores, o quanto as empresas estão perdendo, etc. Mas, as consequências diretas contra a vida das pessoas têm sido secundarizadas enquanto priorizadas são as empresas e os especuladores.

CORONAVÍRUS E O CORTE DE VERBAS NA SAÚDE PÚBLICA

A propagação do vírus pelo mundo colocou governos em alerta por dois motivos:

1) Os efeitos econômicos com paralisações ou diminuições da produção e do comércio mundial vão aprofundar a recessão global (e, de fato, as consequências diretas e indiretas do surto se observam na economia de formas muito piores que as previstas por qualquer economista burguês);

2) Também pelo próprio contágio em si: o vírus apresenta uma taxa de 2% a 3,5% de mortalidade, dependendo do país, continente e idade dos infectados.

Outra questão que veio à tona e os governos procuram fugir é sobre o sistema de Saúde público. De um lado, vários governos desmontam a Saúde e todo o sistema público. De outro, as medidas iniciais contra o surto do vírus são adotadas exatamente pelo sistema público de Saúde.

Nos Estados Unidos, onde não existe sistema público de Saúde e o vírus se alastra como fogo em palheiro, certamente são pobres e trabalhadores sem convênio médico ou seguro Saúde quem mais têm sofrido as consequências. Um exame/teste pode custar até 4 mil dólares, dependendo do caso, nesses dias, equivale à quase R\$ 20 mil. Mesmo quem tem seguro Saúde, a depender do plano, deve pagar

parte dos custos. Então, por não ter dinheiro e não existir licença médica, muitas pessoas nem vão ao médico para não aumentar a possibilidade de contaminações.

Na América Latina, a média de gastos com Saúde pública é de 5% do PIB, abaixo do recomendado pela ONU (mínimo 6%). No Brasil esse índice é 3,8% do PIB, ou seja, quase metade do recomendado.

Nos países mais pobres, os problemas na Saúde pública estão relacionados à implementação de medidas neoliberais baseadas no corte de gastos públicos (EC 95, Reformas, etc.) para privilegiar setores privados e também ao sistema de pagamento da Dívida Pública que suga bilhões e bilhões de dólares todos os anos.

CORONAVÍRUS E A EC 95

Por um lado, temos um sistema público de Saúde. Por outro, a Saúde pública sofre uma série de ataques dos vários governos com a redução do Orçamento ano a ano. Nesse ano, o Orçamento da Saúde é de R\$ 136 bilhões, R\$ 11 bilhões a menos do que em 2019 (e sempre tem corte no orçamento). A liberação emergencial de R\$ 5,1 bilhões está longe de resolver o problema.

Esse desmonte é o maior perigo para a população brasileira. E diante de um aumento generalizado da contaminação, o atual sistema, que já não consegue dar conta do básico, pode entrar em colapso. Em um país em que 80 mil pessoas morrem por ano de gripes e pneumonias, a chegada do COVID-19 pode agravar ainda mais esse cenário considerando, inclusive, uma sobrecarga ainda maior do SUS causada pelos sucessivos cortes no Orçamento e aumentos na procura.

A EC95 (chamada Emenda do Teto dos Gastos) é a principal responsável por esses cortes. Aprovada em 2016, limita os investimentos públicos, inclusive na área de Saúde. Segundo o Conselho Nacional de Saúde, no ano passado, as perdas na área de Saúde pública foram de R\$ 20 bilhões.

Outro fato que pode agravar a Saúde pública é que, no Brasil, os planos de Saúde ainda não são obrigados a realizar o exame de detecção.



Segundo a Agência Nacional de Saúde complementar (ANS) essa inclusão será feita, mas, o tratamento dependerá “do tipo de plano contratado”. Ou seja, o governo protege os planos de Saúde particulares e é o sistema público, o SUS, que arca com os custos.

DINHEIRO TEM, É SÓ NÃO PAGAR A DÍVIDA PÚBLICA

O SUS é a única esperança no combate à disseminação de vírus. É referência internacional no combate às outras doenças como febre amarela e Zika vírus. As pesquisas científicas realizadas sobretudo por professores e pesquisadores das universidades públicas também têm sido fundamentais para o combate ao Coronavírus. Os hospitais privados e planos de Saúde certamente não iriam cumprir esse papel.

Bolsonaro e Paulo Guedes mentem. Há dinheiro sim, só que a maior parte vai para o pagamento da Dívida Pública. No ano passado, foi pago R\$ 1,038 trilhão (38,27% do Orçamento) para banqueiros e agiotas enquanto a Saúde recebeu só R\$ 114 bilhões (4,21% do Orçamento), sangrando a riqueza gerada pelos trabalhadores.

A melhora do Sistema Único de Saúde passa, então, por deixar de pagar imediatamente essa Dívida e usar essa montanha de dinheiro para garantir a saúde e a vida da classe trabalhadora brasileira, além da Educação e da Assistência Social públicas de qualidade.

Um programa mínimo para enfrentar a pandemia do Coronavírus:

- Não pagamento da dívida pública!
- Revogação da EC 95 e pesados investimentos em saúde pública!
- Imposição aos hospitais e planos de saúde para atendimento obrigatório aos infectados e suspeitos!



NOVO FILME DE KEN LOACH ABORDA A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

O diretor britânico Ken Loach é um dos poucos a trazer para as telas de cinema histórias sob o ponto de vista da classe trabalhadora. Filmes como *Terra e Liberdade* (1995), *Pão e Rosas* (2000), *À Procura de Eric* (2009), *Eu, Daniel Blake* (2016), dentre outros, são obras cinematográficas de muita qualidade estética também pelas histórias que nos contam. São filmes que, após você sair do cinema, os enredos continuam na sua mente.

Em *Você não estava aqui* o tema desenvolvido não poderia ser mais atual do que as novas relações de trabalho em que o empreendedorismo é vendido para os trabalhadores como uma salvação para a sua situação de vida precária, quando na realidade o efeito é o contrário. E traz maior carga horária dedicada ao trabalho, nenhuma proteção trabalhista e o que é pior: escamoteia o vínculo de trabalho para que os patrões fiquem sem nenhum encargo. É exatamente aquilo que muitos chamam de ‘uberização’ do trabalho.

UM POUCO DE SPOILER

No filme, o personagem Ricky (Kris Hitchen) procura uma empresa de entregas domésticas para trabalhar e já com a ilusão de que o seu espírito empreendedor, autodenominado guerreiro, conseguirá lhe trazer um bem estar para si e sua família. Logo no início do filme nos chama a atenção a fala de seu personagem principal de que seus antigos colegas de trabalho são preguiçosos e de que se orgulha por não receber o seguro-desemprego.

A trama também aborda a situação precária de Abbie (Debbie Honeywood), esposa de Ricky, que trabalha como cuidadora numa

jornada que começa às 7 horas manhã e só vai terminar às 21 horas. A tentativa do casal de sobreviver com uma jornada tão extensa de trabalho vai mostrando os desafios da classe trabalhadora sem nenhum direito. O Estado capitalista lava as mãos cada vez mais diante dessas novas relações de trabalho, pois existe para atender os interesses de sua classe dominante, a burguesia.

As consequências desses novos tipos de trabalho vão além de sufocar os trabalhadores, atingem também a camaradagem que deve existir entre os “de baixo” e que muitas vezes são colocados no papel de competição com os pares.

Em *Você não estava aqui* isso fica evidente na escolha das rotas de entrega de mercadorias. Para uma família, nada poderia ser mais desastroso do que ter os pais ausentes de casa e, como o filme aborda, o filho adolescente Seb (Rhys Stone) desenvolver um talento artístico ao mesmo tempo em que se mete em confusões e em que nem uma coisa, nem outra são percebidos pelos seus pais pela falta do tempo que lhes é consumido na superexploração de seus trabalhos.

UBERIZAÇÃO: A CARTADA DO CAPITALISMO PARA SAIR DA CRISE

Desde que a ideologia neoliberal ganhou força, as regras de proteção aos trabalhadores foram abrandadas. Chegamos agora a uma situação em que os trabalhadores não têm direito algum. Para os capitalistas deixamos de ser trabalhadores para ser colaboradores.

Agora querem nos transformar em parceiros e em empreendedores, tal como se intitulam, mas, sem o direito de estabelecer preços, regras e condições de atuação. Ou seja, a uberização é um disfarce que a relação capital-trabalho mantém não só para nos tirar direitos e evitar que o Estado intervenha como também para ganhar nossa consciência de classe, que como guerreiros passamos a trabalhar 14 horas por dia para

conseguir sobreviver e manter o “empreendimento”.

A crise estrutural do sistema capitalista encontrou na uberização a sua mais nova forma de extrair mais ainda dos trabalhadores. Uma vez que esses capitalistas não conseguem manter suas taxas de lucro pela crise que estão metidos e não conseguem sair, encontram na superexploração da força de trabalho o meio de engordar seus lucros.

Não tem jeito: é o mesmo capitalismo de sempre em que o motorista de aplicativo, o entregador de comida e o prestador de serviço trabalham para alguém lucrar às suas custas.

Uma das grandes discussões do momento é o reconhecimento das obrigações trabalhistas dessa legião de trabalhadores pelos patrões, que ganham muito com esses serviços. Em algumas cidades no mundo já surgiram associações desses trabalhadores precarizados. Os tribunais, aqui no Brasil por exemplo, ainda não têm reconhecidas essas relações de trabalho, mas tende a mudar com um maior engajamento desses trabalhadores. É algo mais do que necessário. É urgente que sindicatos, movimentos sociais e organizações de esquerda avancem nessas intervenções e lutas.

A SÉTIMA ARTE DE NOSSOS TEMPOS

O diretor Ken Loach é um veterano em filmes com algum tipo de engajamento. Nesse último, um de seus grandes méritos consiste em combater essa falsa crença de que o empreendedorismo vai nos salvar. A propaganda da meritocracia, tão forte em nossa sociedade, é colocada em xeque nesse filme certo, ainda com pouco espaço nas salas de cinema justamente por aquilo que nos conta.

O britânico *Você não estava aqui*, o hollywoodiano *Coringa*, o brasileiro *Bacurau* e o coreano *Parasitas*, esse último ganhador de um inédito e merecido Oscar, são filmes



que retratam o nosso tempo sob uma ótica humanista. Num momento em que o avanço da extrema-direita pelo mundo faz com que alguns militantes queiram se alienar para não ver mais tristeza. Mais do que trazer uma denúncia esses filmes lançam um olhar de esperança. Mostram que partir de diagnósticos corretos da realidade que nos rodeia possibilita também buscarmos a superação dessas novas formas de trabalho e de sobrevivência com a organização e a intervenção classista sem nos iludirmos com as armadilhas que os capitalistas colocam para a classe trabalhadora de conjunto no dia a dia.

A ARTE IMITANDO A VIDA

O tema tratado no filme é a realidade de milhões de trabalhadores pelo mundo afora.

De acordo com a OIT (Organização Internacional do Trabalho) em 2019, mais de 42% estão na condição de empregos precários (autônomo, de meio período ou sem vínculo formal). São mais de 1,4 bilhão de pessoas com empregos precários.

Quando se trata de países da periferia do sistema a situação é ainda pior. Segundo a OIT, nos países “em desenvolvimento” 75% dos empregos são precários. Nos países “emergentes”, 46% de trabalhadores são precários.

Nos países centrais a tendência é a mesma. Na Inglaterra, por exemplo, 30% dos trabalhadores tem contrato de “trabalho intermitente” (lá chamado de “zero hora”), quando o trabalhador fica à disposição da empresa. Mais de 50% dos empregos temporários no Reino Unido são de até 1 ano.

Na Alemanha, metade dos empregos temporários são de até 1 ano. Nesse país também há os “mini Jobs” (mini empregos) sem direitos que nem pode chamar de emprego. Nos Estados Unidos, mesmo com a taxa de desemprego pequena, são 40 milhões de pessoas no trabalho precário.



Ken Loach, filmografia voltada às questões sociais